



Livro: Há um mundo por vir? - Ensaios sobre os medos e os fins

Autores Déborah Landowski e Eduardo Viveiros de Castro

Capítulo Foco: Um mundo de gente

#### Temas Centrais

- O fim da transformação, ou o fim do Antropoceno
- O fim do mundo dos índios
- Humanos e terranos na guerra de Gaia
- O fim do mundo como acontecimento fractal
- O mundo em suspenso

Tema Extra: Decolonial



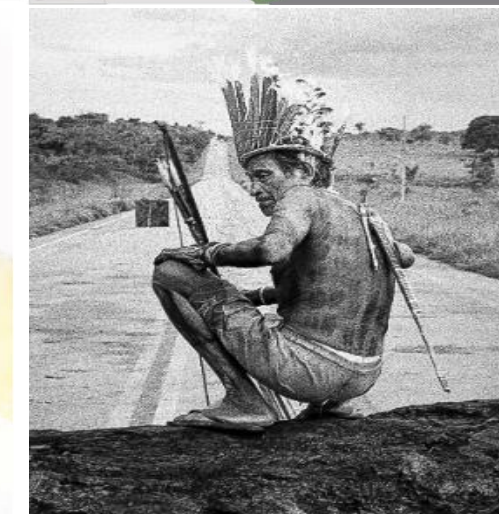
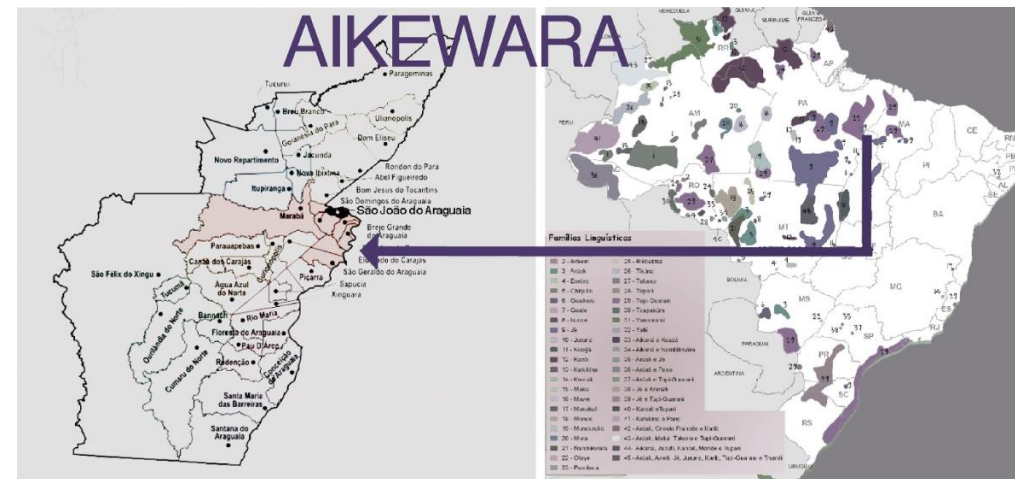
*“Quando o céu ainda estava muito perto da terra, não havia nada no mundo, só gente e jabutis (Mito Aikewara).”*

Na abertura do texto temos uma apresentação sobre a forma como a relação do homem com o seu Eu e o mundo a sua volta se constitui, esse momento trata expansivamente de uma educação que os autores favorecem sobre qual caminho será percorrido pela humanidade.

À luz dessa singular maneira de avaliar o tempo do antropoceno e suas implicações, Viveiro de Castro nos apresenta que o vislumbre

*“é de um futuro onde tudo se tornará humano, onde a divisão do caminho ou nos levará a aniquilação por um colapso ambiental, em consequência, predadores da própria espécie, ou então presas hipnotizadas, última fonte de energia viva para uma nova ordem mecanocósmica, como em The Matrix.”*

Nesse mundo irrompido que Viveiros de Castro descreve, não há espaço de dualidades mitocósmicas como o mito dos povos Aikewara, aqui, só gente e jabuti, incorre numa profunda reflexão sobre a entidade pós-humana do futuro. A base até essa incursão decorre da abstração, complexidade, globalidade e tecnologia como lapide de um fim para um outro recomeço.



## Antropoceno e suas implicações

Viveiros de Castro observa o termo antropoceno a partir de uma epistemologia mais profunda em torno da natureza, para os autores, o termo que é utilizado para descrever uma nova era geológica em que seres humanos se tornaram a principal força de transformação do planeta Terra, já não condiz com a complexidade da organização humana em que vivemos e que por isso ao questionarem essa noção, argumentam que ela é baseada em uma visão simplista e reducionista da relação entre humanidade e natureza. Eles argumentam que o Antropoceno ignora as diferenças e desigualdades entre os seres humanos e enfatiza a responsabilidade coletiva em vez de reconhecer os diferentes papéis desempenhados pelos diferentes grupos humanos na transformação do mundo.

Se configura com essa relação dos autores a compreensão de que o Antropoceno não é apenas uma era geológica, mas também um sintoma da crise ambiental que estamos enfrentando. Nesse contexto, em vez de ver o Antropoceno como uma nova era, devemos considera-lo como um sinal de que estamos vivendo em um momento de transformação crítica, em que nossas ações tem repercussões globais e requerem uma reflexão profunda sobre nossas relações com o mundo.



## O fim do Antropoceno

E qual seria a perspectiva com relação ao fim do Antropoceno?

Em vez de pensar no fim dessa Era como uma ruptura ou transição para outra, Viveiro de Castro argumenta que o fim do Antropoceno é mais um processo contínuo e complexo, em que a ideia de que podemos encontrar uma solução definitiva para a crise ambiental, está em percorrer e enfatizar a importância de reconhecer a natureza contingente e incerta do futuro, repassando a relação entre humanidade e natureza.

É uma visão mais holística e integrada, que reconhece a interconexão e interdependência entre todas as formas de vida. Isso implica, segundo os autores, em abandonar a visão antropocênica que coloca os seres humanos no centro de tudo e adotar uma postura de respeito e cuidado em relação ao ambiente e às outras espécies. Essa ética ambiental refere-se a um conjunto de princípios e valores que orientam nossas ações e decisões em relação à natureza e ao meio ambiente, ela reconhece a importância intrínseca da natureza e das outras formas de vida, além de considerar os impactos e consequências de nossas ações sobre o ambiente.



### O fim do mundo dos índios

É nesse capítulo, que Viveiros de Castro aborda a visão dos povos indígenas sobre o fim do mundo e as críticas às perspectivas que têm sido impostas sobre eles.

Viveiros observa que esse fim do mundo, descrito pelos povos indígenas, não se enquadra nas narrativas lineares e comuns que o ocidente entende, mas sim em concepções mais relacionais e cíclicas. Isso porque, os índios se relacionam de maneira harmônica com a Terra, é por meio desse equilíbrio com a natureza que os índios reconhecem a importância de cuidar da Terra e de todas as suas formas de vidas, para eles o fim do mundo não é um evento catastrófico, mas sim um desequilíbrio nas relações naturais e uma ruptura da harmonia.

Numa outra observação, é claro o entendimento do autores que, num cenário onde o capital procura tomar espaço para atender a sua própria lógica, a de ganho, é esperado que as vozes dos povos indígenas seja frequentemente ignorada, marginalizada ou subjugada pelas narrativas ocidentais dominantes.



## Humanos e terranos na guerra de Gaia

Os autores discutem a perspectiva de que os seres humanos estão envolvidos em uma "guerra de Gaia", referindo-se aos impactos negativos que a humanidade tem causado ao meio ambiente e à própria sobrevivência do planeta. Eles argumentam que a visão da Terra como uma entidade viva e complexa, com seu próprio sistema autônomo de autorregulação e equilíbrio, desafia a ideia de que os seres humanos têm o domínio absoluto sobre o mundo natural.

A partir dessa perspectiva, introduzem o conceito de "terranos", que se refere a uma forma de vida que reconhece e se relaciona harmoniosamente com a Terra como um todo. Eles contrapõem os terranos aos seres humanos que adotam uma postura antropocêntrica, colocando os interesses humanos acima dos interesses da Terra e das outras formas de vida.

Essa guerra de Gaia é, essencialmente, uma luta entre os interesses humanos e a capacidade do planeta de manter sua própria integridade e equilíbrio. A guerra não é contra os seres humanos, mas sim contra uma determinada forma de relação dos humanos com a Terra, caracterizada pela exploração desmedida, pela degradação ambiental e pela falta de consideração pelos sistemas naturais.

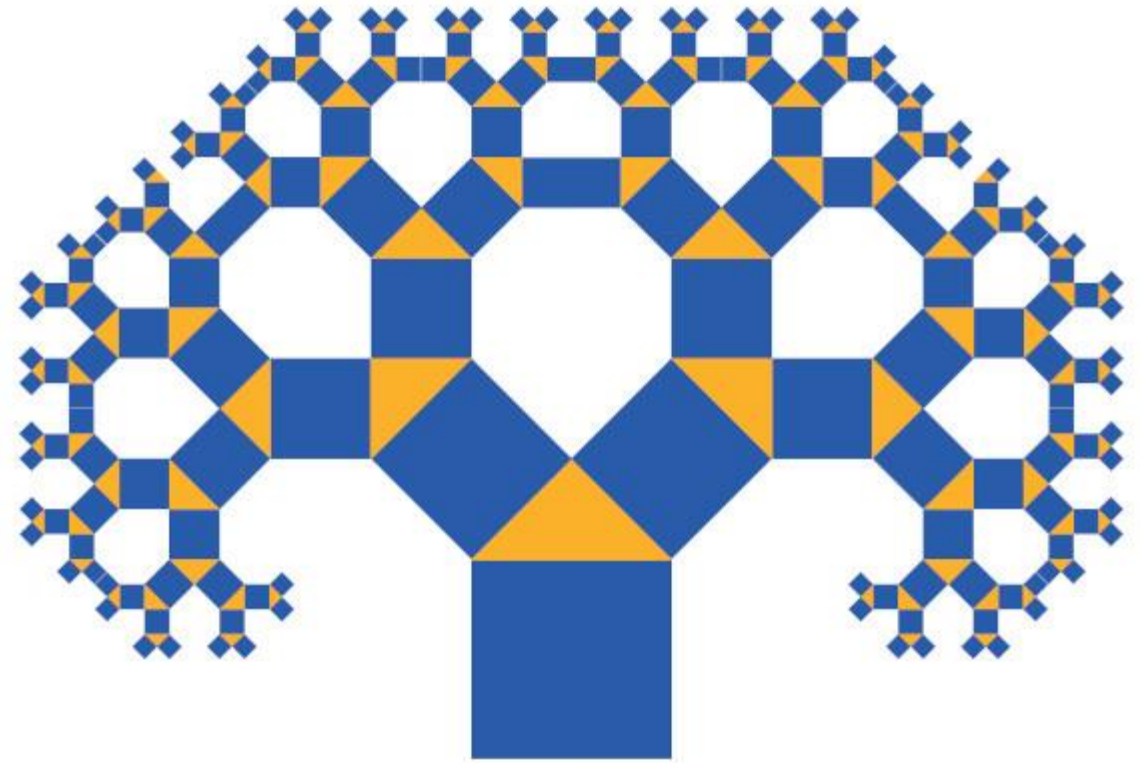


## O fim do mundo como acontecimento fractal

O fim do mundo não é um evento singular e unidimensional, mas sim um acontecimento que ocorre em múltiplas escalas, desde as dimensões mais amplas do planeta até as experiências individuais de vida e morte. O fim do mundo está presente tanto em grandes catástrofes globais, como nas mudanças climáticas, quanto em eventos mais íntimos, como o fim de relacionamentos, a morte de entes queridos ou a própria finitude da vida humana.

Esse conceito de fractalidade, busca desconstruir a ideia de que o fim do mundo é um evento único e definitivo. O fim do mundo se manifesta em diferentes formas e contextos, mas sempre carrega consigo a dimensão da perda, do colapso e da transformação. Essa perspectiva fractal permite compreender o fim do mundo como uma realidade que está em constante movimento e reconfiguração.

Essa noção de fractalidade do fim do mundo desafia a linearidade temporal e a concepção progressista da história, típicas da visão ocidental moderna. Os autores propõem uma compreensão mais complexa e não linear do tempo, na qual diferentes tempos e espaços se entrelaçam em um padrão fractal.



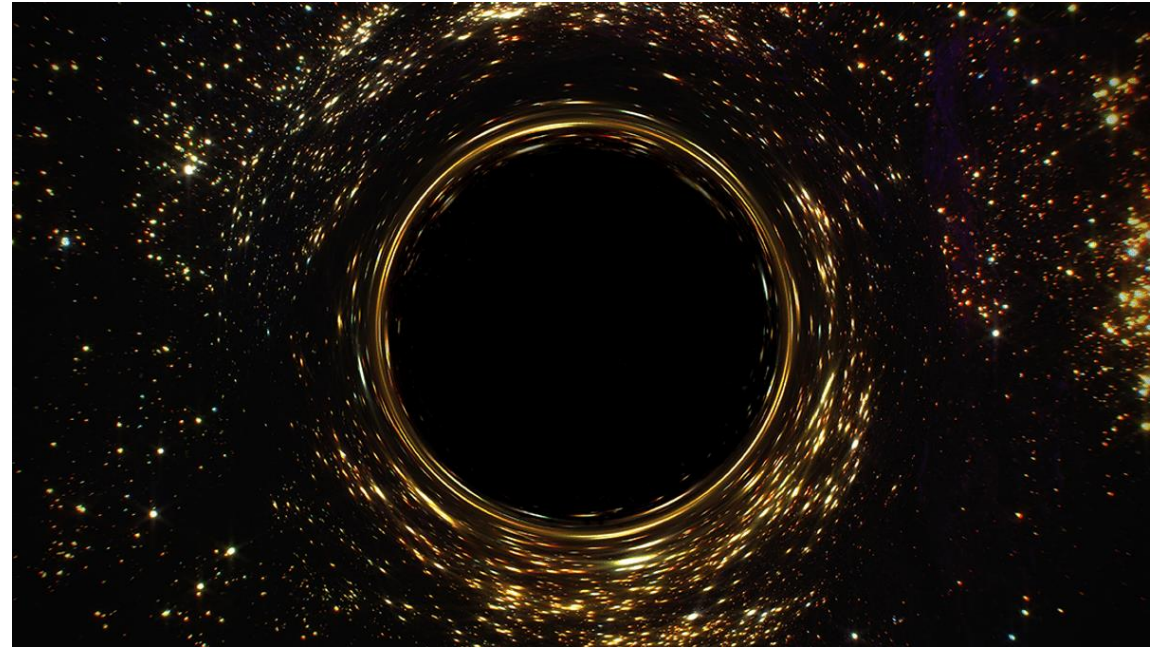
### O mundo em suspenso

O mundo em suspenso, é a ideia de que vivemos em um momento de crise, onde várias dimensões da vida estão em estado de desequilíbrio e instabilidade. Essa crise abrange aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais, gerando uma sensação de incerteza em relação ao futuro. A suspensão do mundo reflete essa atmosfera de desconforto e preocupação generalizada.

Pensar na suspensão do mundo, desafia os paradigmas e as formas de pensar predominantes, porque essa linha revela a inadequação de abordagens tradicionais de modelos de mundo estabelecidos.

É só nessa ruptura com os paradigmas vigentes que se cria um espaço de possibilidades, no qual é necessário repensar conceitos, valores e formas de organização social.

A suspensão do mundo também abre espaço para a exploração de alternativas e novas perspectivas. Os autores enfatizam a importância de cultivar a imaginação e a criatividade para conceber futuros diferentes e mais sustentáveis. Essa abertura para o novo e o desconhecido possibilita a construção de caminhos alternativos e soluções inovadoras para os desafios enfrentados pela humanidade.







## Decolonial – Esquerda e direita dirigem o mesmo trem colonialista, diz quilombola Antônio Bispo Reportagem de Maria Lourenço

<https://www1.folha.uol.com.br/amp/cotidiano/2023/05/esquerda-e-direita-dirigem-o-mesmo-trem-colonialista-diz-quilombola-antonio-bispo.shtml>

- 1) Oposição à perspectiva eurocêntrica e defesa da decolonialidade como teoria, mas sem uma prática efetiva.
- 2) Destaque para a relação harmoniosa entre o povo quilombola e a natureza, criticando a “cosmofobia” do pensamento eurocristão monoteísta.



O escritor Antônio Bispo dos Santos, autor de 'A Terra Dá, a Terra Quer' - Alexia Melo

fin...

